

URUGUAIANA – 140 ANOS

Aureliano Pinto de Moura (*)

1. O início: o Marquês de Olinda
Em seu desenvolvimento, a Guerra da Tríplice Aliança pode ser dividida em dois períodos bem distintos. O primeiro desencadeado com o ato de captura do *Marquês de Olinda*, até o fim da ofensiva paraguaia, em 18 de setembro de 1865; o segundo, começando em 19 de setembro, com o início da marcha das tropas aliadas, em direção a Corrales, nas barrancas do Paraná, até Cerro Cora, em 1º de março de 1870, com a morte de Solano López.

Em 11 de novembro de 1864, foi capturado o vapor brasileiro, *Marquês de Olinda*, quando saía de Assunção, para Mato Grosso, tendo a bordo o coronel Carneiro Campos, recém nomeado presidente da província, acompanhado por alguns oficiais. Tripulantes e passageiros foram aprisionados e muitos deles viriam a morrer nas masmorras de Solano López, em grande sofrimento. No dia 13, o governo paraguaio divulgou uma nota de rompimento das relações com o Império do Brasil e a proibição da livre navegação, no rio Paraguai, aos navios brasileiros.

Iniciou-se o conflito com a invasão de Mato Grosso, por duas expedições militares, com o objetivo

de conquistar Cuiabá. A Divisão Naval partindo de Assunção, em 22 de dezembro, sob o comando do coronel Vicente Barrios, com cinco navios e 4.200 homens, subiu rio Paraguai, conquistando Coimbra, Albuquerque e Corumbá; enquanto, outra Divisão, comandada pelo coronel Francisco Isidoro Resquin, com 3.500 homens, partiu de Concepción, no dia 24, seguindo para Bela Vista, Nioaque, Miranda e Coxim, visando fazer junção, com as tropas de Barrios, em Corumbá.

Em 13 de abril, cinco vapores paraguaios chegaram, em Corrientes, capturaram dois navios argentinos (*Gualedguay* e o *25 de Mayo*), surtos no porto e rebocou-os para Humaitá. No dia seguinte, o general Wenceslau Robles desembarcou, com 3.000 homens ocupando a cidade, praticamente abandonada. Manuel Lagraña, governador de Corrientes havia deixado a localidade com as milícias correntinas, dirigindo-se para o sul. Em poucos dias, cerca de 22.000 soldados paraguaios encontravam-se em Corrientes.

Dias depois Robles marchou para o sul, até Goya, de onde, mais tarde veio a retrair. Deixou em Corrientes uma pequena guarnição. Mas nem os correntinos, nem os entrerrienhos reagiram à invasão paraguaia. Como também não aderiram à causa paraguaia, como esperava Solano López.

(*) O autor é General-de-Divisão, Sócio Titular e Presidente do IHMB.

Em 25 de maio, cinco navios aliados, com 4.000 homens a bordo, desembarcaram 2.000 soldados, sob o comando do general Paunero, um pouco ao norte de Corrientes, com apoio de fogo naval. O resultado foi decepcionante, tendo Paunero ordenado a retirada. Participaram dessa operação o 2º e o 9º Batalhão de Caçadores, brasileiros.

Além da coluna Robles, uma outra, comandada pelo tenente-coronel Antonio de la Cruz Estigarribia, invadiu território argentino.

Segundo Centurión, já em abril de 1864, Solano López, objetivando um ataque ao território gaúcho, havia mandado o major Pedro Duarte, para Encarnación, com a incumbência de organizar uma força de 10.000 homens, das três armas, visando à invasão do Rio Grande do Sul. Em 3 de maio foi iniciado o adestramento dessa tropa (sete BI e cinco RC). Em janeiro de 1865, Duarte recebeu ordem para transpor o rio Paraná e acampar na margem do arroio Pindapoy, em território missioneiro. Um pequeno destacamento permaneceu em Encarnación, sob o comando do capitão Cárdenas. Em 27 de abril, chegou no acampamento, o tenente-coronel Antonio de la Cruz Estigarribia, designado para assumir o comando da tropa, em substituição ao major Pedro Duarte, que permaneceu como subcomandante. Neste ínterim, boatos da presença de tropa brasileira em território missioneiro, chegaram até Estigarribia. Haviam transposto o rio Uruguai e organizavam-se, juntamente

com tropas correntinas, na sua margem direita, do rio. O que não foi confirmado mas, provocou um bom número de deserções entre os soldados paraguaias.

O plano idealizado por Solano López, ninguém, tomou conhecimento. Ele não discutia com ninguém. Sua decisão foi realizar uma operação ofensiva, com duas colunas: a de Robles, nas margens do Paraná e a de Estigarribia, acompanhando o rio Uruguai, invadindo o Rio Grande do Sul, em São Borja. Posteriormente seria realizada uma junção, mais ao sul, com as tropas de Robles.

Estigarribia organizou uma vanguarda, sob o comando de Pedro Duarte, com a missão de reconhecer o terreno, até San Tomé, frente a São Borja. Com pouco mais de 2.000 homens, essa vanguarda partiu, em 5 de maio. Pelo caminho foi recebendo notícias da presença de tropa de infantaria e cavalaria, pelas bandas de San Tomé e que ali era esperada uma divisão sob o comando do general Reguera. Em 9 de maio, a vanguarda acampou a sete léguas de San Tomé, entrando na localidade no dia seguinte. Encontraram a localidade quase deserta.

Boatos indicavam a presença de 400 soldados, sob o comando do coronel Assunção, logo ao sul de São Borja. Na vila permaneciam apenas 200 homens.

De San Tomé, Duarte continuou realizando o reconhecimento, procurando explorar o outro lado do rio, com a sua luneta. Em 13 de maio,

perto de *Guay-Grande* (Misiones) chegou a trocar tiros, com uma patrulha correntina, e constatou a presença de dois regimentos de cavalaria e elementos de infantaria, do outro lado do rio. Pelo que observou seriam cerca de 2.000 brasileiros, nas proximidades de São Borja.

No dia 24 de maio, Estigarribia recebeu as ordens de López, para o prosseguimento, das operações, Lamentavelmente as ordens não são conhecidas integralmente. Tudo indica que Estigarribia deveria reunir as suas tropas em San Tomé e o major Duarte seguir para o sul, pela margem direita do Uruguai. Enquanto o grosso, sob o comando de Estigarribia invadiria o território riograndense, na região de São Borja. O que de fato aconteceu.

Os acontecimentos e as informações levaram Estigarribia ordenar, a Pedro Duarte, permanecesse alerta em relação aos passos do rio Uruguai. Pedro Duarte já havia alertado da presença de cavalaria e infantaria, brasileiros, na região de São Borja. Assim como havia indícios de que 6.000 brasileiros marchavam na direção de São Borja.

Em 31 de maio Estigarribia iniciou a marcha de Pindapoy, com o grosso da divisão, chegando nas imediações de San Tomé, sete dias depois, dando cumprimento as ordens recebidas de Solano López.

Segundo Tasso Fragoso, a invasão de Corrientes e do Rio Grande, é uma grande incógnita. Especulações são muitas, mas a

verdade ainda está obscura. Não há consenso quanto aos objetivos de Solano López.

Ao entrarem em território argentino, as duas colunas ficaram isoladas. Uma ao oeste, margeando o rio Paraná e a outra, ao leste, pelas duas margens do rio Uruguai. Ficaram sem a menor chance de estabelecer contatos. A região era totalmente intransponível, a não ser, ao norte, pela margem do rio Paraná, ou pela transversal Bela Vista – Mercedes – Passo de los Libres, muito mais ao sul. Era impraticável qualquer movimento transversal de uma em favor da outra. Foi o risco que correram.

Não se tem uma idéia exata das pretensões de Solano López, ao decidir por essa operação. Para alguns, os paraguaios seguiram esperando um encontro com Urquiza e contando com o seu apoio, para o prosseguimento. Que tanto poderia ser para o Sul, em direção a Buenos Aires, como direcionado para Montevideu ou Porto Alegre.

Medidas de defesa

Na ocasião em que foi organizada a Divisão do general João Propício Mena Barreto, para intervir na República Oriental do Uruguai, também foi preocupação do Dr. João Marcelino de Souza Campos, presidente da Província, em destinar forças de cobertura para as nossas fronteiras.

Desde dezembro de 1864, corriam boatos de que Solano López

estaria organizando um forte exército para romper o cerco brasileiro à Montevideu. Em face disso, o Dr. Sousa Gonzaga, determinou a organização de duas divisões, com as tropas disponíveis.

Nesta época existiam cinco comandos de fronteira, no Rio Grande do Sul. O do Uruguai e do Quarai, comandados pelo general David Canabarro; e os de Bagé, Jaguarão e Chuí, comandados pelo Barão de Jacuí.

À 1ª. Divisão coube a vigilância da fronteira das Missões (de Livramento a São Borja) e Quarai, com 4.000 homens, de cavalaria e toda a infantaria da Guarda Nacional, sob o comando do general Canabarro; e a 2ª. sob o comando de Jacuí, ficou com a responsabilidade da fronteira sul (Bagé, Jaguarão e Chuí). Como tudo foi realizado, às pressas e de improviso, não houve oportunidade para adestramento da tropa.

Em 20 de janeiro de 1865, Canabarro informou ao Comandante das Armas a existência de soldados paraguaios na margem direita do rio Uruguai, que devido ao nível baixo de suas águas, estava dando vau, em vários passos. Lembrou ainda, ao Comando das Armas a necessidade de armamento e munição para atender as necessidades da Guarda Nacional.

Em fevereiro foi calculado existirem cerca de 10.000 soldados paraguaios, em marchando na direção **de San Tomé e, por conseguinte, dirigindo-se para São Borja.** Mas Canabarro acreditava poder barrar o

inimigo, no rio Uruguai.

Em 20 de março, Canabarro escreveu para o general Caldwell, argumentando de que se o Exército já estivesse pronto, convinha marchar, desde já na direção do Paraguai. Mas com situação existente, nada mais se poderia fazer, além de defender no rio Uruguai. No mês seguinte passou a pretender a idéia defesa, do outro lado do rio.

A realidade, era de que o Império não havia reunido efetivo suficiente, a tropa disponível não tinha adestramento desejável, para o combate, e além do mais não dispunha de um general habilitado.

Os dois comandantes de Divisão eram generais honorários, não muito versáteis na arte da guerra. Além da falta de ação de comando por parte do general Caldwell.

Em 15 de abril, Canabarro recebeu informações de que o Paraguai pretendia atacar Corrientes, com as tropas existentes em Humaitá e atacar o Rio Grande com as forças reunidas em Itapua. Mas não acreditava que tentassem passar o rio Uruguai. Mesmo assim deveria estar atento aos passos do rio, mais apropriados para uma possível transposição. A idéia que se tinha, era de que o inimigo desceria o rio Uruguai, até Salto, onde realizaria a transposição, e não em São Borja. Isto ocorrendo, os paraguaios teriam pela frente as tropas de Osório. Por isso, Canabarro permaneceu guardando a fronteira, na margem esquerda do rio. Se fosse o caso,

defenderia no corte do Uruguai até a chegada de reforço. Mas acreditava ter condições para barrar o inimigo, na margem direita do rio.

Canabarro decidiu concentrar as suas tropas no Ibirocaí, de onde teria condições, mais favoráveis, para socorrer a fronteira de Misiones ou do Quarai, onde o melhor passo seria entre Itaqui e São Borja.

Quanto a 2ª Divisão, a ordem recebida por Jacuí, foi de que deveria se concentrar no ponto que julgasse mais conveniente, da fronteira de Bagé. Pois não se sabia das intenções dos *blancos*, uruguaios, nem do general Urquiza. Em 6 de maio, recebeu ordem para reforçar a 1ª Divisão com a sua 1ª Brigada.

As ordens de Caldwell foram de que as duas divisões deveriam atuar de acordo com um plano conjunto, coisa muito difícil para Canabarro e Jacuí, antigos desafetos.

As notícias davam conta de que tropas paraguaias se encaminhavam para São Borja. Canabarro as estimou em 25.000 homens (seriam em realidade da ordem de 12.000 homens). Solicitou, então, autorização para impedir a transposição do rio ou defender o território nacional, na margem direita. Para isso necessitaria entrar em território argentino e para isso necessitava autorização. Foi-lhe dada liberdade de opção. Poderia passar o rio Uruguai, se assim julgasse plausível, para impedir a transposição, inimiga, até a chegada das tropas de Osório.

O Imperador, mostrando-se preocupado com a situação no Sul

determinou providências ao Ministro da Guerra, Ângelo Muniz da Silva Ferraz. Em 20 de maio o Comandante das Armas, general Caldwell, foi mandado para a fronteira levando com ele todas as tropas disponíveis. Em 31, todas as forças já estavam lá, ou para lá se dirigiam.

Em fins de agosto de 1865 foram mandados incorporar-se na 1ª Divisão os 2º e 10º Batalhões de Infantaria de Linha e os 1º e 5º de Voluntários da Pátria. Além de oito canhões que estavam em São Gabriel. Os 21º e 27º Batalhões, da 1ª Divisão estavam desarmados enquanto o 10º e o 26º Corpo acabavam de sair de Bagé.

No momento, em que o inimigo prepara-se para transpor o Uruguai, a 1ª Divisão estava com a sua 1ª Brigada, no Passo das Pedras, a doze léguas ao sul de São Borja; o 28º Corpo, no Passo de São Mateus, ao norte do rio Camaquã; e o 22º a uma légua de São Borja.

Em São Borja encontrava-se o 7º Batalhão de Infantaria da Guarda Nacional, enquanto o 1º Batalhão de Voluntários da Pátria, do Rio de Janeiro, sob o comando do coronel João Propício Menna Barreto, marchava em sua direção. O restante da Divisão permaneceu em Santana do Livramento.

Os movimentos das tropas paraguaias fizeram com que o comando brasileiro deduzisse o local da transposição do rio e procurassem organizar a defesa, com os recursos que dispunham.

Estigarribia contava com oito batalhões de infantaria, cinco regimentos de cavalaria e um batalhão de artilharia, com seis pequenos canhões. Além de um corpo de “vogavantes”, que transportavam vinte canoas montadas sobre carretas. Este corpo era, em sua maioria, constituído por carpinteiros e bons nadadores. Em 7 de junho, colocou em execução as ordens de Solano López. Ordenou ao major Pedro Duarte, que marchasse para o Sul, em direção a Passo de los Libre e transpôs o rio Uruguai, com o grosso da tropa.

Quando já em território brasileiro, Estigarribia organizou pequenos piquetes para fazer os reconhecimentos, do terreno e avaliar o valor e a posição do inimigo, assim como a existência de gado.

O inimigo

Em 20 de abril, a informação vinda do comandante da 1ª Brigada, da 1ª Divisão, dizia que os paraguaios se movimentavam na margem direita do rio Uruguai, na região de São Borja e Itaqui. Por isso, o coronel Fernandes Lima, seu comandante decidiu sair de Passo das Pedras para Passo de Sant’Ana, por ser mais central, em relação a São Borja e Itaqui.

Em maio notícias afirmavam que o inimigo havia transporto o rio Aguapei e passado para o departamento de San Tomé. Era a vanguarda, comandada pelo major Pedro Duarte, que realizava o seu reconhecimento, até San Tomé.

Diante da informação, o coronel

Fernandes Lima levou a sua brigada para São Borja, mas como nada foi confirmado, retornou para Passo das Pedras. Notícias, aí recebidas, indicavam a presença paraguaia frente a Itaqui, a dez léguas ao sul da vila. Isso fez com que o coronel Fernandes Lima seguisse até Itaqui, em marcha forçada. Fora mais alarme falso que o fez retornar para Passo das Pedras. As notícias eram alarmantes, mas nada de concreto, em relação ao inimigo, frente a São Borja.

No 8 de junho, um brasileiro, o capitão Melo, que conseguira fugir das mãos inimigas, conseguiu chegar a São Borja e avisar o coronel Fernandes Lima da presença da vanguarda paraguaia, na região de San Tomé, sob o comando do major Pedro Duarte. Informou ainda que se aproximava o grosso das tropas inimigas, com a intenção de invadir o território brasileiro, na altura de São Borja. Era Estigarribia que vinha chegando. O coronel Fernandes continuou em Passo das Pedras, a oitenta quilômetros, ao sul de São Borja.

Os paraguaios mantinham-se vigilantes; sabendo de tudo o que ocorria na outra margem do rio, graças a espiões infiltrados em São Borja, que não foram percebidos. Estigarribia tinha a certeza do êxito da sua operação de transposição do rio e conquista de São Borja. Sabia que o efetivo brasileiro era pequeno e não tinha condições para enfrentá-lo. Não há nenhum documento que faculte afirmar, com absoluta certeza, o valor do efetivo, com que contava

Estigarribia, ao chegar em San Tomé. Para Thomson, seriam da ordem de 12.000 homens.

Ao transpor, o rio Uruguai, Estigarribia deixou o major Pedro Duarte, com 3.200 homens, na margem direita do Paraná, com a ordem de seguir para o Sul, com destino a Paso de los Libres. O grosso avançaria, sob o seu comando, seguindo pela margem esquerda do rio, com destino a Uruguaiana. Contava com 8.8.745, segundo Tasso Fragoso.

Às 8 horas da manhã do dia 10 de junho de 1865, partindo do porto de San Thomé e de Hormigueiro, viu-se do Passo de São Borja e da vila, descerem de San Tomé, para o rio Uruguai, grande número de carretas e uma fileira de tropa paraguaia, de uma légua e meia de comprimento. Era o primeiro escalão da coluna que se aproximava da margem do rio, para transpô-lo.

Ao chegarem na margem do rio, os paraguaios lançaram as canoas na água. Em cada uma embarcavam vinte soldados e remaram em direção a um ponto logo ao norte de São Borja.

O major Rodrigues Ramos, comandante da Infantaria da Guarda Nacional, que estava no Passo de São Borja, deu logo o alarme e avisou ao tenente-coronel Ferreira Guimarães (em São Borja), o coronel Fernandes Lima, comandante da 1ª Brigada e o tenente-coronel Araújo Nóbrega, comandante do 22º Corpo Provisório de Cavalaria. O coronel Fernandes Lima mandou alertar o

coronel Mena Barreto, que se achava com o 1º Corpo de Voluntários, a duas léguas e meia, ao sul de São Borja, marchando em sua direção.

Diante do perigo eminente, os poucos soldados brasileiros, que ali estavam, na outra margem do rio, abriram fogo sobre as canoas. Não resistindo ao fogo recebido, os paraguaios retraíram e dirigiram as canoas para um outro ponto, a montante, de São Borja, encobertos pela vegetação.

As primeiras unidades paraguaias que transpuseram o rio: o Batalhão de Infantaria nº17 (800 homens) e o Regimento de Cavalaria nº27 (600 homens). Mais acima desembarcaram o Batalhão de Infantaria nº32 (750 homens) e o Regimento de Cavalaria nº28 (520 homens). Durante o combate, outros 1.500 homens, dos Regimentos de Cavalaria nº14 e nº15 desembarcaram em território brasileiro.

Uma vez transposto o rio, os paraguaios marcharam em direção a São Borja. As tropas da Guarda Nacional, sob o comando do major Rodrigues, procuraram retardar o avanço. Mas só com a chegada do 22º Corpo Provisório de Cavalaria, melhorou situação.

Essa transposição não foi uma operação fácil. O rio Uruguai, naquele local tem cerca de 600 metros de largura e além da tropa foram transportados os canhões, as carretas e os animais.

Após alcançarem a margem esquerda, do rio, o inimigo marchou

em direção a São Borja. Ali chegando foram recebidos por forte tiroteio, do 1º de Voluntários da Pátria, que os obrigou a recuar para o Passo de São Borja. Não tendo como se manter na posição, o 1º de Voluntário retraiu para o interior de São Borja, mas permitiu que os seus habitantes evacuassem a localidade colocando-se a salvo, do inimigo. O inimigo formou uma linha de atiradores e pôs-se em marcha na direção a São Borja. Em vão os brasileiros disparavam seus tiros sobre o inimigo. Eles iam caindo, mas o grosso prosseguiu a passo firme, sem cessar. Não se perturbavam com os tiros disparados e os companheiros que tombavam.

Dois dias depois (12), os paraguaios avançaram e acamparam bem próximo da vila. No dia seguinte (13), entram em São Borja, saqueando-a por completo. Ao entrar na vila Estrigarribia escreveu para Solano Lopez, relatando os acontecimentos. Escreveu textualmente: “...Depois de ter entregue a povoação ao livre saque, pelos soldados, em horas marcadas para cada corpo, de conformidade com hora marcada para cada corpo, de conformidade com as instruções que V.Exa. se dignou a me dar.”

Enquanto isso, em Passo Fundo, Cruz Alta e Taquari organizavam-se alguns corpos provisórios.

De São Borja a Itaqui

Canabarro, estava nas pontas do Ibirocaí (12 de junho), com a 1ª

Divisão, quando soube do ataque a São Borja, imediatamente ordenou que a 4ª Brigada (TC Sezefredo de Mesquita) seguisse em reforço à 1ª Brigada (Cel Fernandes Lima).

Ao tomar conhecimento da invasão paraguaia ao território gaúcho, por um exército aguerrido e contando apenas com as suas tropas constituídas de guardas nacionais, com efetivo insuficiente para enfrentar o inimigo, mal montados, mal armados e mal instruídos, Canabarro pediu um reforço de 4.000 homens, ao general Osório, em cartas de 12 e 14 de junho. O que já havia feito anteriormente, ao solicitar dois batalhões de infantaria, em reforço.

Após conversar com o general Bartolomeu Mitre, Osório respondeu não ter condições de atendê-lo. Mas Mitre prometeu mandar uma força sob o comando de Venâncio Flores, para ajudá-lo. Da mesma forma que aconselhou a Canabarro em pregar a sua tropa para hostilizar o inimigo “...sem arriscar um combate decisivo”.

Enquanto Pedro Duarte marchava para o sul, era acompanhado de perto pelas tropas correntinas de Payba e Reguera, que apenas simulavam uma certa resistência.

O general Caldwell, em 15 de junho, achava-se, ainda, em Saicã, quando teve conhecimento da invasão de São Borja. Imediatamente deu conhecimento ao presidente da Província e ordenou ao Barão de Jacuí, para deixar Bagé, com toda a sua tropa e seguir para a fronteira das Missões, para juntar-se à 1ª Brigada

da 1ª Divisão. Da mesma forma de ordem a Canabarro para barrar o inimigo no corte do Ibicuí. Seria colocar o inimigo entre dois fogos. E se essa operação falhasse poderia sitiá-lo, até a chegada da 2ª Divisão. Atacaria quando o inimigo estivesse transpondo o rio. Da mesma forma determinou que 23º Corpo da Guarda Nacional, de Rio Pardo e o 5º Corpo de Voluntários seguissem na mesma direção. O 1º de Voluntários, do Rio de Janeiro, foi poupado por se encontrar “estropiado”.

Caldwell informou a Canabarro que seguia para o passo de Santa Maria, no Ibicuí, onde aguardaria a 1ª Brigada da 2ª Divisão, assim como o 23º da Guarda Nacional e o 5º de Voluntários, assim como o reforço que pedira ao general Osório.

Estigarribia, neste momento, recebeu ordens para seguir para Itaqui, onde deveria esperar por Solano López, que iria assumir o comando das tropas. Recomendou, ainda, que Estigarribia evitasse entrar na cidade.

Antes iniciar sua marcha para o sul, Estigarribia determinou que o major José López seguisse na vanguarda, procurando fazer o reconhecimento do terreno. López seguiu pela estrada do Alegrete saqueando todas as estâncias que foi encontrando pela frente. Tendo em vista os boatos que se referiam a numerosas carretas carregadas, transitando pela estrada, em direção a São Borja, no propósito de captura-las, López teria chegado próximo a São Gabriel.

Em 19 de junho, o grosso das tropas paraguaias deixou São Borja, em direção a Itaqui, chegando ao rio Butuí, após três dias de marcha. Um destacamento brasileiro tentou de fender no corte do rio, mas foi repellido.

O Butuí estava cheio, fazendo com que Estigarribia usasse as suas canoas para a transposição, que levou dois dias para ser concluída. Terminada a travessia, os paraguaios acamparam, a uma légua ao sul do Butuí.

O coronel Fernandes Lima mantinha o inimigo sob a sua observação, acompanhando todos os seus movimentos. A brigada de Fernandes Lima contava com quatro corpos provisórios de cavalaria, da Guarda Nacional e o 5º Corpo Provisório, de Passo Fundo. Esperava o reforço da 4ª Brigada, com seus dois corpos provisórios de Voluntários e o 3º Batalhão da Guarda Nacional.

Em 26 de junho, um esquadrão de clavineiros, da vanguarda brasileira, troca tiros com o inimigo desdobrado em linha, em uma coxilha, ao lado de um banhado. Eram 140 paraguaios à espera da patrulha brasileira.

Fernandes Lima não titubeia e ataca a posição inimiga. Após uma hora de combate, os brasileiros se retiraram, sustentando ações de guerrilha. Os paraguaios, por sua vez também se retiraram, vagorosamente e em ordem. Ao serem acossados e negando-se, a render-se, alguns soldados brasileiros acabaram sendo capturados e passados pelas armas.

Fernandes Lima tentou justificar

o seu recuo pela “...melhor posição, já dentro do banhado” em quwe se encontravam os paraguaios. Mas “...a está altura, a cavalaria inimiga já havia sido derrotada”. Neste instante chegava a 4ª Brigada, do tenente-coronel Sezefredo de Mesquita e reiniciou-se o combate, dentro do banhado. Após uma carga de dois esquadrões de lanceiros, com o apoio do 3º Batalhão da Guarda Nacional de São Borja, puseram os paraguaios, em fuga, abrigando-se no matagal.

No prosseguimento em direção ao sul, as tropas paraguaias foram se destacando pelo roubo, pelo saque e pelos incêndios provocados, de conformidade com as suas ordenanças de guerra, em vigor.

Em 6 de julho, os paraguaios entraram, em Itaqui, sem encontrar a mínima resistência. Encontraram a vila praticamente vazia, abandonada pela população. Ali permaneceram por oito dias, durante os quais o saque foi a rotina. O saque foi realizado dentro de normas estabelecidas. No primeiro dia, foram os oficiais que saquearam e no o dia seguinte os soldados. Alguns moradores da vila, que ainda ali permaneciam, também se aproveitaram da situação.

O saque não foi maior porque a maioria da população havia deixado a vila, procurando ocultar-se na campanha, levando tudo o que foi possível. Inclusive o gado.

Mais uma vez Estigarribia não havia cumpriu as determinações de Solano López. Entrou em Itaqui, como fizera em São Borja. Deixou a

localidade em, 14 de julho.

Após trocar idéia com Bartolomeu Mitre, Osório respondeu, a Canabarro, que o ataque a São Borja nada mais foi do que uma ação para “...desviar a atenção do exército aliado que se reúne para procurar combater-lo em Corrientes, onde tem a base de todas as suas divisões e o devemos procurar.” Informou, ainda, que não tinha condições para atendê-lo. Mitre tinha necessidade da sua presença em Concórdia, para fazer frente as tropas paraguaias do general Robles e ser, a tropa brasileira, a base do Exército Aliado em Concórdia.

Mitre sugeriu a Canabarro que reunisse todos os seus meios e hostilizasse o inimigo, desgastando-o sem arriscar um combate decisivo.

Em 24 de junho, já estando em Alegrete determina que a 1ª Divisão barrasse o inimigo no Ibicui. E determinou que a 1ª Brigada, o 23º de Guarda Nacional e o 5º de Voluntários, acelerassem o seu deslocamento, para ficarem em condições de atacarem os paraguaios pela retaguarda, quando estivessem transpondo o Ibicuí.

Enquanto isso, a coluna do major Pedro Duarte acompanhou a marcha de Estigarribia, para o Sul, seguindo pela margem direita, tendo-o sempre ao alcance da sua luneta e o grosso da tropa. Pelo rio seguiram cerca de vinte canoas tripuladas, que serviam para a ligação, entre as duas colunas. Nessa sua marcha esteve sempre sob a observação das forças correntinas comandadas por Payba e Reguera,

sem travarem combate. Até 28 de junho, quando houve um pequeno entrevero, quando Duarte forçou o passo da boca do Aguapey, quando Payba tentou barrá-lo, sem resultado.

As forças correntinas de Payba e Reguera deviam continuar observando-lhe os movimentos e procurando retardá-lo, ao máximo. O rio Aguapey, afluente de porte, da margem direita do rio Uruguai, prestava-se para desdobrar uma boa posição defensiva. Mas pouco ou nada fizeram. Apenas simularam uma possível resistência. Quando Estigarribia chegou em Itaqui, Pedro Duarte tinha os seus homens mais à frente, na região de Santa Cruz, ao sul de Itaqui.

Mas em 5 de julho, Osório propôs, ao Ministro Francisco Otaviano, que o general Venâncio Flores, a testa de alguns batalhões, fizesse uma expedição em navios, aproveitando a cheia do rio, e que chegasse até Uruguaiana. Mas Flores chegou tarde. Uruguaiana já havia caído.

No dia 9 de julho, o general Caldwell juntou-se com o general Canabarro., com a 1ª Divisão acampada nas pontas do Ibirocaí. Uma semana depois seguiram para o passo de Santa Maria. Chegando em Jequicá, Canabarro ordenou que a tropa aliviasse a bagagem e equipamento, prosseguindo em 18, para Santa Maria onde chegou, após três dias.

Em 15 de julho, o tenente-coronel Fernandes Lima avisa que está acompanhando o inimigo, no seu

flanco esquerdo e que o mesmo segue para o passo de Santa Maria. Deveria chegar no dia 16 e que estacionaria na retaguarda do inimigo.

O combate do Ibicuí

Estigarribia deixou Itaqui, sem esperar Solano López, seguindo para o sul, rumo a Uruguaiana. Em 17 de julho alcançou o rio Ibicuí, um caudaloso afluente do Uruguai. No dia seguinte, dia 18, iniciou a travessia no passo de Santa Maria e no Pontão do Ibirocaí (240 braças), terminando no dia 23 de julho.

Estigarribia iniciou a travessia pelo passo de Santa Maria. Mas depois foi obrigado a mudar, pois o terreno não lhe dava cobertura.

Vencido o obstáculo os paraguaios se preparam para prosseguir em direção a Uruguaiana. Passado o rio, Estigarribia procurou uma região mais bem abrigada. Estigarribia prepara-se para seguir em direção a Uruguaiana.

Caldwell e Canabarro haviam acertado atacar o inimigo durante a transposição do Ibicuí. No dia 19, Caldwell foi reconhecer o inimigo. Constatou que mais de 3.000 homens já haviam transposto o Ibicuí, enquanto, o restante, ainda na margem direita, sofria inquietação, por parte da 1ª Brigada, da 1ª Divisão (TC Fernandes Lima).

Com a chegada de Canabarro, no dia 21, Caldwell reuniu o Conselho para colocar em prática o seu plano de ação. De comum acordo, Caldwell e Canabarro decidiram que a melhor

linha de ação era atacar o inimigo no momento em que fosse transpor o Ibicuí. Mas, em vez de ordenar o ataque, Calwell teve a triste idéia de reunir o Conselho para ouvir os seus subordinados. Canabarro, Mena Barreto e o coronel José Alves Valença, manifestaram-se contrários a idéia. Propunham um ataque enquanto o inimigo estivesse em marcha. Devia-se, também, aguardar a chegada de reforços. Prevaleceu a idéia de Canabarro.

Caldwell submeteu-se à pressão de seus subordinados. Mais tarde justificou-se junto ao presidente da Província dizendo que assim agira por reconhecer maior experiência em Canabarro. Considerava-o como "...um militar com longa prática e proficiência na guerra da província..."

Cumprindo a determinação de Solano López, Duarte acampou, próximo, à aldeia da Santa Cruz. Estigarribia, ao invés de parar no corte do Ibicui, conforme lhe foi ordenado, prosseguiu para o sul. Ao saber dessa iniciativa, Solano López, apesar de contrariado, determinou que a tropa seguisse até Uruguaiana, onde deveria prover-se de víveres e seguir em direção a Alegrete. Mas não devia entrar em Uruguaiana, pois se assim o fizesse correria o risco de ser sitiado. A Duarte a ordem foi seguir para Passo de los Libres. Chegando ao destino, Estigarribia e Duarte, deveriam permanecer no local aguardando a chegada de Solano López, que viria assumir o comando de todas as tropas em

território inimigo. Esses fatos são confirmados pelo coronel Juan Crisostomo Centurión, em suas Memórias.

As tropas paraguaias transpuseram o Ibicui, sem nenhuma resistência brasileira. Não aconteceu como alardeara Canabarro de que a disputa seria grande se o inimigo viesse tentar. No dia 22 de julho a tropa brasileira levantou acampamento e posicionou-se do outro

No dia 22 de julho, duas brigadas de cavalaria observavam o inimigo, quando Canabarro ordenou um ataque ao inimigo, com a sua vanguarda, com 1.000 homens e duas bocas de fogo. Os paraguaios responderam com a sua infantaria apoiada pela artilharia, colocando os brasileiros em retirada. Os paraguaios prosseguiram em direção ao Toropasso, incendiando todas as estâncias por onde passavam. Canabarro seguiu na mesma direção, mais à leste, paralelamente ao inimigo.

A facilidade de progressão encontrada pelos paraguaios foi de tal monta que permitiu, comemorarem o de São Solano, em 24 de julho, sem serem molestado.

A tropa paraguaia continuou na sua marcha até o Toropasso. Transpôs o rio utilizando-se de uma ponte construída sobre as canoas que trouxera. Acampou na margem do rio e aí permaneceu durante alguns dias. Caldwell não conseguiu impedir a travessia do inimigo, pois segundo ele "...a qualidade que distinguia essa tropa era em geral, pouco ou nenhum

conhecimento do serviço militar, e alheia, portanto, à profissão das armas”

Aos poucos, Canabarro foi recebendo algum reforço, contando em 26 de julho com 7.400 homens e oito canhões-obuses.

Canabarro conseguiu com o presidente da província, dois lanchões e um pequeno navio, o *Uruguai*, que foi armado, para policiar o rio entre o Ibicuí e Totopasso. No comando do navio foi colocado o 1º tenente Floriano Peixoto, que durante o seu serviço colocou a pique várias canoas inimigas quando tentavam sair de Paso de los Libres para Uruguaiana. Após cinco dias em Toropasso, Estigarribia seguiu em direção a Uruguaiana, agora preocupado com a notícia da presença de um pequeno vapor, armado, que vinha fazendo um estrago em suas embarcações (canoas). Tratava-se de um velho vapor, o *Uruguai*, associado a dois lanchões (*São João e Garibaldi*). Comandado pelo 1º tenente Floriano Peixoto. Em conseqüência, foi organizado um pequeno destacamento com um canhão para dar caça ao *Uruguai*.

Em 27 de julho, nova reunião do Conselho de Chefes, foi convocada pelo general Caldwell, diante da preocupante situação. As idéias de Caldwell não foram aceitas pelos demais membros do Conselho, que alegavam “...que graves conseqüências advinham-se se arriscasse um combate duvidoso, por serem as tropas brasileiras formadas por recrutas, mas que eles cumpririam qualquer ordem”. Caldwell acabou concordando com

seus subordinados. Não tinha ascendência sobre os seus subordinados.

No dia 2 de agosto, os paraguaios transpuseram o Toropasso, em pontes construída sobre as canoas que haviam trazido. No dia seguinte acamparam na margem esquerda do rio Imbaá. No mesmo dia, os brasileiros, que estavam desdobrados, na margem do Toropassos, retraíram para o arroio Imbaá, em cuja margem acamparam. Ali já estava acampada a 2ª Divisão e algumas outras unidades.

Caldwell, já prevendo os acontecimentos procurou informar-se sobre as condições da defesa de Uruguaiana. Para lá seguiu uma comissão que retornou com as piores informações. Os 200 homens lá existentes, nem pareciam soldados. Assim como o seu comandante. Parte da antiga defesa havia sido desfeita.

A situação ficou crítica, e Caldwell convocou uma reunião, do Conselho, onde ordenou que Canabarro atuasse sobre o inimigo. Julgando não haver condições para enfrentar um inimigo muito maior e melhor armado, Canabarro pediu uma ordem por escrito. A reunião foi encerrada. A idéia de Canabarro ter atacado no momento em que o inimigo estivesse atravessando o Ibicuí. Mais tarde, Caldwell veio a comentar que fora “...assim que assisti de braços cruzados a queda de Uruguaiana”.

Estigarribia, sem receber qualquer resistência entrou, em

Uruguaiana, em 5 de agosto, totalmente indefesa. De imediato mandou hastear a bandeira tricolor. Para satisfação dos paraguaios, a vila estava com os seus armazéns muito bem supridos de víveres. Que o comando brasileiro não teve a iniciativa ou a preocupação de retirar da vila, antes da chegada do inimigo.

Novamente Solano López não foi obedecido. Estigarribia entrou em Uruguaiana. Na sua frente seguia o 17º Corpo brasileiro, sob o comando do tenente-coronel Bento Martins. Entrou em Uruguaiana para tentar “...*tentar salvar a honra nacional*”. Mas vários brasileiros acabaram sendo capturados pelos paraguaios. Esses coitados foram arrastados até a cochilha do cemitério e degolados, sob as vistas de Canabarro e toda a sua tropa. (Padre Gay).

A queda de Uruguaiana teve uma tremenda repercussão em todo o Brasil e as tropas da província ficaram muito mal conceituadas. Em realidade, o que havia, era o total descaso para com a defesa do território nacional. As forças brasileiras existentes na fronteira eram insignificantes e pouco adestradas. E o que é pior, mal comandadas. Em nenhum momento Caldwell conseguiu impor a sua opinião, e demonstrou insegurança e indecisão, ao aceitar as idéias dos subordinados, por julgá-los mais experientes. Em momento algum, os comandantes brasileiros procuraram a ofensiva. Preferiram apenas observar e retardar o inimigo. Do Passo de Santa Maria até Uruguaiana, muitas vezes, as nossas

forças chegaram marchar paralelamente as do inimigo, sem atacá-las ou ao menos inquietá-las.

Ao entrar em Uruguaiana, Estigarribia foi sitiado pelas tropas aliadas, já com a presença de Venâncio Flores e Paunero.

Um novo comandante

Tardiamente, por ordem do Imperador, em 20 de junho de 1865, o Ministro Ângelo Muniz da Silva Ferraz nomeou o Barão de Porto Alegre Comandante em Chefe das forças brasileiras em operações na fronteira das Missões. O governo decidiu nomear um comandante-em-chefe das forças em operações, na província do Rio Grande do Sul. Sua responsabilidade ia de São Borja, passando por Uruguaiana e Quarai terminando em Santana do Livramento. Porto Alegre passou a comandar o que passou a ser denominado “Corpo de Exército, em operações na fronteira de Missões”. A recomendação foi de que deveria atuar, sempre de acordo com o general Osório, com quem “...deveria estar sempre em harmonia”. Caso fosse obrigado a operar fora do território nacional ficaria sob as ordens do general Bartolomeu Mitre, Comandante das Forças Aliadas.

Além das forças que já se encontravam na fronteira de Missões, passaram integrar as tropas de Porto Alegre, a brigada comandada pelo coronel Joaquim José Gonçalves (19º, 24º e 31º Batalhões de Voluntários e o 4º Regimento de

Artilharia a Pé). Porto Alegre chegou no acampamento, em 20 de agosto, e assumiu o comando, das tropas brasileiras, no dia seguinte, frente a Uruguaiana, onde estavam reunidas as tropas brasileiras.

Outras providências foram tomadas pelo Ministro da Guerra. Mandar processar os culpados pelo fraco desempenho frente ao invasor. Em 16 de agosto o Ministro da Guerra determinou ao general Caldwell que demitisse o general Canabarro, do comando que exercia. E no dia seguinte foi mandado instaurar uma sindicância sobre o fato da invasão paraguaia não haver encontrado a menor resistência, e à comissão de engenheiros militares foi dada a missão de proceder, uma investigação minuciosa a respeito da invasão.

O próprio general Caldwell recebeu numerosos quesitos para que fossem respondidos.

Porto Alegre recebeu autorização para demitir "...qualquer outro chefe militar cujo desempenho tíbio ou duvidoso se tornasse um embaraço ou parecesse prejudicar as operações".

O combate de Iataí

Com a presença das tropas paraguaias, na região de Passo de los Libres e a situação reinante em Uruguaiana, o comando aliado decidiu mandar o general Venâncio Flores, para dar combate ao inimigo. Para isso foi constituída uma coluna, com quatro batalhões de infantaria (uruguaios), uma brigada brasileira (quatro batalhões de infantaria), sob o

comando do tenente-coronel Joaquim Rodrigues Kelly; mais a cavalaria uruguaia, reforçada por unidades argentinas. No trajeto, vieram juntar-se, à coluna, as tropas argentinas sob o comando do general Paunero. Somavam ao todo 8.825 homens. Cumprindo as determinações de Mitre, Venâncio Flores iniciou a sua marcha, em 18 julho.

Flores chegou, no rio Mandisobi, quatro dias depois (23 de julho), onde acampou. Após transpor o rio, no dia seguinte, continuou seu deslocamento até à margem do Mevaoretá. Não dispondo de meios para transposição, levou dois dias para passar o rio. Vencido o obstáculo prosseguiu, sob fortes chuvas, até atingir o rio Timboi. Somente em 4 de agosto foi possível atingir a margem do Merisinão, cuja transposição atrasou o seu deslocamento, em mais 6 dias. Só no dia 10, toda a tropa estava na outra margem do rio.

Enquanto realizava essa transposição, foi informado, por Canabarro (mensageiro), da ocupação de Uruguaiana, no dia 5 de julho. Flores acampou próximo do arroio Sant'Ana, onde recebeu Paunero e seus homens. A três léguas do arroio Capeiqueré, onde estavam acampadas as avançadas paraguaias.

Pedro Duarte já tinha conhecimento da presença de Venâncio Flores, na proximidade. Por isso, no dia 9 de agosto mandou dois esquadrões reconhecerem a região, na direção provável, por onde deveria estar a tropa aliada. Na margem do

Capiquicê, as avançadas de Pedro Duarte localizaram a cavalaria, do general Venâncio Flores, sob o comando de Reguera. O choque foi inevitável, mas os paraguaios não resistiram à pressão. Foram obrigados a retrair, sendo perseguidos até as proximidades, de Passo de los Libres.

Ao ter conhecimento do encontro das tropas de Pedro Duarte com a vanguarda de Flores, na margem direita do Uruguai, Estigarribia informou Solano López e solicitou reforço (para Duarte).

Em 17 de agosto, Flores reiniciou a sua progressão, com duas colunas paralelas e a retaguarda, sob a cobertura das tropas da cavalaria correntina, do general Madariaga. Já era do conhecimento da coluna aliada de que o major Pedro Duarte não estava mais em Passo de los Libres e sim em Ombricito, próximo ao rio Iataí, à noroeste daquela vila. Os aliados então marcharam, na direção de Iataí, até encontrar as tropas paraguaias. Naquele momento foi desencadeado o ataque que resultou em um violento combate, em Iataí. Combate que durou cerca de uma hora e meia, onde ambos os contendores demonstraram o valor de seus soldados. Esse foi o primeiro combate, verdadeiro, entre aliadas e paraguaias.

Apesar da resistência paraguaiá, Flores, conseguiu empurrar o inimigo contra o rio, fazendo com que muitos paraguaios procurassem fugir, pelo banhado ali existente, o que levou muitos soldados a morte.

Foram muitos, os mortos, os feridos e os prisioneiros. Dentre esses últimos, o major Pedro Duarte. Junto com os prisioneiros foram capturadas várias bandeiras. Como era de praxe na época, os prisioneiros foram distribuídos entre as forças aliadas, tendo o comando brasileiro recusado recebê-los.

Findo o combate, as tropas do general Venâncio Flores atravessaram o rio Uruguai, aproveitando a presença das canhoneiras, *Taquari e Tramandai*, para a transposição. Quando em território gaúcho, as tropas de Flores tomaram dispositivo no sítio a Uruguaiana. Essa operação só foi finalizada em 4 de setembro.

A rendição

Logo após a sua vitória em Itati, Venâncio Flores juntou esforços com as tropas brasileiras, em torno de Uruguaiana. Tão logo chegou no local, em 19 de agosto mandou o 1º tenente Zorilla, prisioneiro paraguaio, ao encontro de Estigarribia para fazer um apelo ao comandante paraguaio, para a sua rendição. Deveria evitar o sacrifício, desnecessários, de mais vidas. Uma vez que ali acabavam de chegar cerca de 12.000 homens com 40 canhões. Estava sitiado e não tinha condições para romper o cerco aliado.

Canabarro fez apelo semelhante aludindo, que além das tropas de Venâncio Flores ali estavam 9.000 brasileiros. Caldwell, por sua vez escreveu-lhe uma carta convidando-o a render-se. Mas Estigarribia não atendeu aos apelos.

No dia 16 de setembro, houve uma tentativa de fuga, das tropas paraguaias, pelo rio, utilizando as suas canoas. Mas foi abortada pelo fogo dos navios brasileiros, que lá se encontravam sob o comando do capitão-de-fragata Lomba.

No dia seguinte, em que recebeu as intimações e convite para a sua rendição, Estigarribia encaminhou uma longa carta aos chefes aliados, repelindo qualquer proposta, que por certo “...desonraria e encheria de eterna infâmia o nome do soldado paraguaio”.

Já com o Barão de Porto Alegre no comando das tropas brasileiras, em 31, chegou em Uruguaiana o Almirante Tamandaré, a bordo do *Iniciador*. Dois dias depois, reuniu-se o Conselho de Chefes militares, onde estiveram presentes, além de Porto Alegre, e Tamandaré, também Venâncio Flores e o general Paunero. Nesta reunião, Flores e Paunero, sugeriram o imediato bombardeio de Uruguaiana, no que não concordaram Tamandaré e Porto Alegre. Sugestão essa que causou um pouco de mal estar entre os comandantes brasileiros e Venâncio Flores..

Flores declarou que Porto Alegre e Tamandaré estavam-no fazendo de tolo. Pois não haviam atendido um seu pedido, julgando ter sido um ordem. Diante desse fato, Flores ameaçou transpor o Uruguai, retornando ao território argentino, com todas as suas tropas. Sem as quais não via condições para um ataque a Uruguaiana.

Porto Alegre e Tamandaré, não

levarão o comandante uruguaio a sério. Chamaram-no de fanfarrão e o liberaram para o retorno à Argentina, por “...serem, as tropas brasileiras, mais que suficientes para libertar Uruguaiana.

Após esfriar a cabeça e raciocinar com calma, sobre o que ocorrera, Flores procurou Porto Alegre e Tamandaré e, reconhecendo o seu exagero, voltou às boas com os chefes brasileiros.

Nova intimação foi apresentada a Estigarribia, com a assinatura dos quatro oficiais gerais, mas Estigarribia, outra vez, não atendeu aos apelos dos chefes aliados.

Diante do impasse, Tamandaré seguiu, para Concórdia, onde solicitou o reforço de alguns batalhões, ao general Osório. Diante das argumentações apresentadas por Tamandaré, Bartolomeu Mitre, Comandante Aliado, determinou a ida desses batalhões, para Uruguaiana, aproveitando os navios das esquadra brasileira.

No dia 10 de setembro, chegaram em Uruguaiana, o general Mitre e o conselheiro Silva Ferraz, Ministro da Guerra, do Império. Naquele momento surgiu um sério e delicado problema. Mitre e Flores, Chefes de Estado julgavam-se no direito de exercer o comando das tropas aliadas, que sitiavam Uruguaiana. Isso porque Porto Alegre argumentava ter sido nomeado comandante das tropas brasileiras, por decreto Imperial, não concordou com a idéia. As tropas estavam em

território brasileiro e assim sendo deveriam ser comandadas por um general desse país. Flores e Mitre argumentavam serem chefes de Estado, logo, de maior hierarquia. Não podendo assim ser dado o comando a um outro general. Insistiram ainda que, tendo vindo em perseguição do inimigo, circunstância esta que lhes dava o direito de manter o Comando Aliado. Logo, deveria caber a Bartolomeu Mitre, o Comando de todas as tropas aliadas.

Baseado no Tratado da Tríplice Aliança, Porto Alegre disse entender que em território nacional, o comando cabia a um general brasileiro. Sustentou o seu direito e disse preferir responder um Conselho de Guerra a submeter-se, em território brasileiro, com o exército que lhe havia sido confiado, ao comando de um general estrangeiro. Por mais que reconhecesse o seu valor. Quanto à alegação de terem vindo em perseguição, Porto Alegre lembrou, que a invasão do Rio Grande deu-se em 10 de junho e que só em 21 de agosto o general Venâncio Flores havia transposto o rio Uruguai.

Mas, no dia seguinte chegou o Imperador D. Pedro II, acompanhado do marquês de Caxias, o general Cabral, o conde D'Eu e o duque do Saxe. Convencidos de que não conseguiriam demover Porto Alegre, com a chegada do Imperador, Venâncio Flores e Bartolomeu Mitre concordaram que D. Pedro assumisse o Comando. Mas também ficou

definido que Porto Alegre comandaria o ataque a Uruguaiana.

Na manhã do dia 18 de setembro de 1865 o exército aliado iniciou a sua marcha em direção a Uruguaiana. Os brasileiros à direita, os argentinos ao centro e os uruguaianos a esquerda. E um último apelo foi feito, a Estigarribia, pelo barão de Porto Alegre. Foram-lhe dadas duas horas de prazo para a resposta. Em caso negativo, seria desencadeado o ataque, e somente a rendição incondicional seria aceita. O documento foi levado pelo capitão Cruz Brilhante, ajudante-de-ordens, de Porto Alegre.

Ao responder, Estigarribia propôs três condições para a rendição:

1. entregar-se-ia toda a sua divisão, mas os aliados lhes dariam as regalias previstas nas leis da guerra em relação aos prisioneiros;

2. os chefes, oficiais e empregados de distinção sairiam com as armas e bagagem e iriam residir onde quisessem e os aliados deveriam sustentá-los durante a guerra se escolhessem para residência outro lugar que não fosse o Paraguai;

3. os oficiais orientais a serviço do Paraguai ficariam prisioneiros de guerra do Império, guardando-lhes todas as atenções a que teriam direito.

Reunidos os generais, pelo Imperador, após entendimento, foi-lhe respondido o seguinte:

“ Os generais aliados concedem e admitem a 1ª e a 3ª condições, sem restrições. Quanto à segunda admitem-na com as seguintes restrições: os oficiais de qualquer

categoria se renderão, não podendo sair da praça com armas, sendo-lhes livre escolher para sua residência qualquer lugar que não pertença ao território paraguaio”.

Às 14.30 horas, do dia 18, Ângelo Muniz da Silva Ferraz, Ministro da Guerra do Império, levou pessoalmente a decisão a ser entregue a Estigarribia. No mesmo momento, o comandante paraguaio, aceitou as condições apresentadas. Apenas pediu que o Imperador Pedro II fosse o fiador do acordo. Confiaria nele e no seu Ministro da Guerra e que a ambos se entregava como prisioneiro de guerra, acompanhado de toda a sua guarnição.

O Imperador dirigiu-se a vila de Uruguaiana, onde recebeu o tenente-coronel Estigarribia, com os seus oficiais mais graduados. A espada do comandante paraguaio foi-lhe entregue pessoalmente. Em seguida foi realizado um desfile dos prisioneiros, assistido pelo Imperador e demais chefes aliados.

Renderam-se cerca de 50 oficiais e 5.550 combatentes. Não estando computados os paraguaios que abandonaram as trincheiras, “nas garupas” dos soldados da cavalaria riograndense.

Foram apreendidas sete bandeiras, uma das quais entregue o general Bartolomeu Mitre e uma outra ao general Venâncio Flores.

Reconquistada Uruguaiana, o Imperador, realizou uma viagem pela província do Rio Grande do Sul regressando, em seguida para o Rio

de Janeiro.

Durante o período em que esteve em Uruguaiana, D. Pedro II conquistou uma outra importante vitória. No dia 23 de setembro, apresentou-se ao Imperador, o ministro inglês Eduard Thornton, com as suas credenciais para assumir o seu cargo, na Corte brasileira. Trocava Buenos Aires pelo Rio de Janeiro. Foi o acerto final da Questão Christie, que havia levado ao rompimento de relações entre os dois Impérios.

Ao apresentar-se, o ministro britânico fez um discurso exprimindo o “...sentimento com que Sua Majestade a Rainha vis as circunstâncias que acompanharam a suspensão das relações amigáveis entre Londres e o Rio de Janeiro”. O pedido de desculpas, enviado pela Corte Britânica, foi aceito, por D. Pedro II, antes de retornar ao Rio de Janeiro, a bordo da canhoneira *Onze de Junho*. Os comandantes aliados, reunidos em Uruguaiana, decidiram partir em marcha forçada, através território argentino, em direção ao rio Paraná, na região de Corrientes. Não só as tropas aliadas reunidas em Uruguaiana, como também as estacionadas em Concórdia.

No dia 19 de setembro, as tropas aliadas iniciaram a travessia do rio Uruguai, marchando em direção à Mercedes, ponto de reunião com as tropas comandadas por Osório e Gelly y Obes, vindos de Concórdia.

O relato do cônsul francês, em Uruguaiana, sobre a travessia do Uruguai refere-se ao bom preparo da oficialidade brasileira, mas descreve as

dificuldades enfrentadas, para manter a disciplina (não muito boa) da soldadesca. O roubo entre os soldados era grande e os frutos dessa atitude eram vendidos aos comerciantes locais.

Os meios de transposição não eram fartos. Além dos quatro navios brasileiros, dos cinco que ali estavam, participaram da transposição do Uruguai várias canoas, balsas, pelotas, ou mesmo a cola do cavalo, como meio válido para a travessia. Vários foram os mortos pelo afogamento, ao tentarem o passo a nado.

Assim, ao iniciar-se a marcha para Mercedes começou a ofensiva aliada. Ali, reuniram-se 35.411 soldados exaustos, dos quais 13.828 brasileiros. Enquanto as tropas paraguaias, com o bloqueio naval do rio Paraná, após Riachuelo e a derrota de Estigarribia, em Uruguaiana, retraíram para o norte em direção a Corrientes. E, por ordem de Solano López retornaram ao território nacional.

Entre 31 de outubro e 3 de novembro, os paraguaios atravessaram o Paraná, próximo às Três Bocas, sem serem molestados pela esquadra brasileira, ou por tropa aliada. Consigo levando 100 mil cabeças de gado e cavalos, centenas de carretas transportando o produto dos saques e

mais toda a artilharia, que estava em Corrientes.

Terminou assim a ofensiva paraguaia. Início de um grande sonho de Solano López. Conseguir a derrota das tropas imperiais para se fazer respeitar, dentre as nações do Rio da Prata.

Ofensiva desencadeada, mediante um plano baseado em premissas falsas. Como o apoio dos *blancos* uruguaios e das províncias argentinas de Entre Rios e Corrientes. Onde Solano López esperava o apoio do general Urquiza, que não ocorreu.

As operações ofensivas realizadas, pelas tropas de Solano López, redundaram em um verdadeiro desastre estratégico e político, para o Paraguai. Quando perderam um grande efetivo, em Uruguaiana. Pior ainda, foi não ter Solano López assumido diretamente o comando das tropas, em operações, e contar com oficiais despreparados e desobedientes, no comando das tropas.

Após a transposição do rio Paraná deu-se início a ofensiva aliada que, após altos e baixos, só viria terminar em Cerro Corá, em 1º de março de 1870, com a morte de Solano López.